

IPREDE: ACOLHENDO E ENRIQUECENDO VÍNCULOS ENTRE MÃE E FILHO

J. V. Menescal¹, M. M. T. Machado², F. S. B. Mota³ & Á. J. M. Leite⁴

¹ Psicólogo do Instituto da Primeira Infância (IPREDE). E-mail: jvmenescal@gmail.com; ² Professora do Departamento de Saúde Comunitária da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: marciamchadoufc@gmail.com; ³ Professor da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: sullivanmota@yahoo.com.br; ⁴ Professor do Departamento de Pediatria da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: alvaromadeiro@yahoo.com

Artigo submetido em Julho/2016 e aceito em Outubro/2016

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo relatar a experiência sobre a intervenção de enriquecimento do vínculo mãe/filho no período da primeira infância, no Instituto da Primeira Infância – IPREDE, em Fortaleza, Ceará. O artigo é composto por considerações teóricas e conceituais utilizadas como referenciais do processo de intervenção, como se articula na prática e reflexões. Descreve sobre as teorias de Jung, Piaget, Vygotsky, Feuerstein e

Hundeide, os conceitos de vínculo, diálogo e empatia. Apresenta um breve relato da instituição, as ações desenvolvidas e seus principais resultados. Ao final aponta reflexões sobre a questão da criança como pessoa, do inconsciente e o olhar do profissional para uma formulação do vínculo mãe/filho, quando do atendimento a díade.

PALAVRAS-CHAVE: Vínculo Mãe-filho. Primeira Infância. IPREDE.

IPREDE: WELCOMING AND ENRICHING TIES BETWEEN MOTHER AND CHILD

ABSTRACT

The objective of this paper is to report the experiences about the intervention between mother/child enrichment during the early childhood period at the Institute of Early Childhood – IPREDE, in Fortaleza, Ceará. The article consists on theoretical considerations and concepts used as reference of the intervention process, as is articulated in practice and reflection. Describes Jung, Piaget, Vygotsky,

Feuerstein and Hundeide's theories about bond, dialog and empathy concepts. Presents a brief institution reports, their developed actions and main results. At the end, points out reflections about children's issues as a person, their subconscious and also a professional look in order to improve the bond between mother/child, when in a dyad's attendance.

KEYWORDS: Mother -child bond. Early Childhood. IPREDE.

INTRODUÇÃO

Na história da sociedade humana, desde os primeiros agrupamentos e tribos, existe a gravidez, o parto, bebês e crianças que necessitam receber amor, carinho e cuidados. As crianças aprendem com os mais velhos sobre como lidar com suas emoções; como conhecer, imaginar, raciocinar, respeitar regras; enfim, ser preparado para a vida em sociedade. O percurso da infância a vida adulta encontra-se em todas as culturas, com padrões singulares e universais, independentes de tempo ou lugar. Um padrão comum na diversidade social é a necessidade de ser amado, cuidado e educado pelas pessoas (STEARNS, 2006).

Para acontecer esse amor é preciso um encontro entre o bebê e/ou a criança e um adulto, mãe/pai/cuidador, interessado nessa pessoa que acabou de nascer. A necessidade do outro, do adulto para a sobrevivência da criança advém da incapacidade da criança em seus primeiros anos de vida.

Uma das características fundamentais que diferencia o homem dos animais, até mesmo daqueles que se encontram mais próximos do homem na escala evolutiva, é o fato de o filhote humano, para empregar a terminologia de Portmann, precisar passar por uma fase embrionária intrauterina, e também por outra, extrauterina. Os filhotes dos mamíferos superiores nascem num estado de relativa maturidade [...] já são pequenos adultos, que têm não apenas todas as aparências dos animais adultos como também já se encontram aptos a levar a vida sem precisarem de qualquer ajuda. [...] o filhote humano, após os nove meses que passa no útero, requer ainda mais um ano para atingir o grau de maturidade que caracteriza a maioria dos demais mamíferos ao nascer (NEUMANN, 1995, p. 9).

Deste modo, todos nascem prematuros, frágeis, indiferenciados, mergulhados no coletivo; com necessidade do outro (mãe, pai, cuidador) para alcançar sua diferenciação, autonomia, sua singularidade, sua entrada na cultura. Essa condição de nascimento da criança não menospreza sua potencialidade. O bebê possui padrões que impulsionam seu desenvolvimento num movimento teleológico e de equilíbrio, numa relação ativa com o outro, existindo um diálogo desde os primeiros dias de nascido. Essa dupla condição de fragilidade e potência da criança proporciona as condições para formação da interação diádica ou vincular, base para a constituição da pessoa (ARIÈS, 1981).

Essa perspectiva de destaque do papel ativo do bebê surge por volta da década de 1970, na esteira das contribuições teóricas de Piaget, Vygotsky, Wallon, Freud e Jung. Eles deram nova configuração à infância, como período do desenvolvimento no qual a criança ou o bebê apresenta características diversas dos adultos. A criança deixou de ser uma “miniatura”, para conter a origem das estruturas basilares para o futuro homem e/ou mulher (LYRA; VILLACHAN-LYRA, 2012).

As teorias de Freud e Piaget em relação ao desenvolvimento infantil são bom exemplo dessa nova episteme de diferenciação da criança e do adulto. Os dois pesquisadores propõem períodos de desenvolvimento e a ênfase que a formação da pessoa se constitui no vínculo com o outro. O vínculo vem do latim *vinculus*, indica ligação, união, atado, enlaçado, aquilo que liga ou estabelece uma relação, no caso entre o bebê ou a criança com sua mãe, pai ou cuidador. Daí a escolha, neste artigo, de utilizar o conceito vínculo, para falar do diálogo entre a mãe, pai ou cuidador com a criança nos seus primeiros anos de vida.

Dessa forma, quando se pensa no vínculo, na importância dos pais para o desenvolvimento da criança se percebe a complexidade do fenômeno, como Jung descreve

O vínculo mãe/filho é certamente o mais profundo e mais marcante que conhecemos; é a experiência absoluta de nossa espécie, uma verdade orgânica. Há uma intensidade, um movimento que impele a criança para sua mãe e a reciprocidade da ação (JUNG apud SCARABEL, 2011, p. 64).

Essa forma de pensar a pessoa em desenvolvimento a partir do vínculo, do diálogo, da presença do outro, se contrapõe a uma visão reducionista que isola a criança numa redoma nomeada indivíduo, na qual cada comportamento infantil se estabelece fora do social, da condição histórica, tendo sua origem na própria criança.

Na primeira metade do século XX, e também durante boa parte da segunda metade, as pesquisas em psicologia do desenvolvimento infantil tinham como objetivo principal o estabelecimento de normas comportamentais para cada idade. Essas normas eram obtidas a partir da investigação das diversas competências da criança, cuja aquisição deveria seguir uma ordem preestabelecida (LYRA; VILLACHAN-LYRA, 2012, p.117).

A questão não está no estabelecimento de normas comportamentais para cada idade, mas na alienação de observar o vínculo, por parte dos pesquisadores e profissionais, matéria prima para animar a qualidade das respostas da criança.

A partir da década de 1980 pode-se observar um crescente movimento na literatura na área de desenvolvimento na primeira infância que passa a investigar a interação mãe-bebê como um sistema dinâmico, co-regulado e mutuamente dependente de trocas entre os parceiros relacionais (SHAFFER, 1977; FOGEL, 1993; LYRA & ROSSETTI-FERREIRA apud LYRA; VILLACHAN-LYRA, 2012, p.119).

A troca entre os parceiros relacionados acima remete a ideia de diálogo no vínculo mãe, pai ou cuidador e a criança, no qual o efeito em cada um remete ao conceito de complexo ideofetivo na psicologia de C. G. Jung. A criança nos primeiros meses olha o mundo como um conjunto de imagens estanques que não se comunicam, mas a figura da mãe vai formando pontes entre os diversos quadros. Esse movimento de equilíbrio e desequilíbrio provocado pelas vivências, mediadas pela mãe fortalece o processo de formação da consciência e do complexo ideofetivo mais conhecido, o “Eu” (ego) (SCARABEL, 2011).

Esse conjunto de ideias e afetos existente no laço entre a mãe e o filho, formando uma trama quando o bebê responde a demanda da mãe, promove uma série de novas associações. Essa trama foi nomeada por Jung (1984) de “complexos ideofetivo” partindo dos experimentos como teste de associação de palavras, idealizado por Wundt, que foi o criador do primeiro laboratório de psicologia na Alemanha (CAMPOS, 2009). Então o complexo do “Eu” principia como uma pequena semente de carvalho na qual está a possibilidade da árvore; esse é o movimento teleológico do desenvolvimento, a energia direcionada do padrão indiferenciado ao diferenciado, do simples ao complexo, do concreto ao abstrato (HILLMAN, 1997; OLIVEIRA, 2012).

Encontramos em Piaget (2011) o mesmo movimento. Ele formula parte de sua teoria baseada numa episteme que tenta desvendar a gênese da racionalidade do adulto, partindo das formulações cognitivas da criança. Algumas características do pensamento piagetiano: a diversidade na lógica de construção do conhecimento entre a criança e o adulto, o movimento crescente de complexidade nas respostas e o estado de equilíbrio dinâmico e teleológico de formação das estruturas de raciocínio. O estado de equilíbrio dinâmico da criança ocorre frente a novas situações de adaptação, o uso dos mecanismos de assimilação e acomodação permite um reequilíbrio com modificações nas estruturas, no dizer de Piaget um aprendizado significativo.

Segundo Pereira (2012), Piaget não enfatizou o papel de mediação da cultura pelo adulto para a criança como Vygotsky. De acordo com Vygotsky (1991) no centro de suas formulações teóricas está o processo de subjetivação da cultura pela mediação do adulto para a criança, oportunizando o lidar com os signos, símbolos e valores presentes na ordem social.

Feuerstein (2014) observa que o mediador enriquece a interação criança-ambiente com ingredientes que não pertencem à situação imediata e, sim, a um mundo de significados e intenções derivado de gerações, significações, atitudes, valores e objetivos culturalmente transmitidos. O autor viveu os horrores da II Guerra Mundial, nos campos de concentração nazistas antes de se tornar um cidadão do Estado de Israel. O seu trabalho com crianças deficientes – algumas que sofreram grandes privações nos campos de concentração ou com síndromes, em especial a Síndrome de Down, demonstraram o potencial dessas crianças em modificar suas funções cognitivas e conhecimento do mundo.

A teoria Feuerstein acredita numa aprendizagem mediacional entre signos, símbolos e valores da cultura e o processo de adaptação da criança, na qual há o mediador humano (pais, avós, tios, primos e irmãos). O mediador realiza uma apresentação do mundo para a criança em desenvolvimento, interpretando e dando significado. Nos seus estudos, Feuerstein (2014) identificou dez critérios de interação fundamentais para a mediação, nomeados por: Intencionalidade/Reciprocidade, Significado, Transcendência, Automodificação, Competência,

Autoregulação/Controle de Comportamento, Compartilhamento, Individuação, Planejamento de Objetivo e Desafios. Para Feuerstein, os três critérios intencionalidade/reciprocidade, transcendência e significado são necessários e suficientes para uma boa mediação. Os outros sete critérios servem para equilibrar e funcionam em diferentes momentos para a criança em seu percurso de desenvolvimento.

Pinna Klein, colaboradora de Feuerstein na Universidade de Israel, sintetizou em cinco os dez critérios, nomeando de MISC – Programa de Educação Mediacional para um Cuidador mais Sensível, com ênfase na cognição. Os cinco critérios são focalização, expansão, afetividade, recompensa e regulação do comportamento. Focalização inclui todas as tentativas do mediador para assegurar que a criança concentre sua atenção na atividade lúdica proposta. Expansão refere a ampliação do significado e compreensão da criança para além da atividade proposta. Afetividade diz da quantidade e qualidade da energia emocional presente no vínculo entre a mãe, pai ou cuidador com a criança. A recompensa vem da expressão de satisfação com o comportamento da criança. Regulação do comportamento, realizada pela mãe/cuidador, ocorre quando a criança planeja antes de agir.

Karsten Hundeide, professor da Universidade de Oslo, participou de pesquisas com Pinna Klein, utilizando o MISC. Depois, ele ampliou a teoria em dois aspectos: na procura de melhor equilíbrio entre os aspectos cognitivos e afetivos da criança, assim como um programa de assistência comunitária ao desenvolvimento das crianças; nomeado ICDP. Para Hundeide, a meta a ser alcançada pela ICDP é que haja uma relação cada vez mais compreensiva e positiva entre as crianças e as pessoas que delas se ocupam. Assim, pode-se contribuir para que as crianças se tornem pessoas muito humanas, contribuindo para a humanização de nossa sociedade.

Esse percurso de trabalho, iniciado em 1985 com crianças em comunidades da África e dos países da Europa oriental, levou o professor Hundeide, em 1992, a fundar, junto com outros pesquisadores e profissionais - Nicoletta Armstrong, Markus Hoff Berge - uma organização internacional: Programa Internacional de Desenvolvimento da Criança – ICDP.

Desde o falecimento de Hundeide, em 2011, Nicoletta Armstrong é a atual presidente, quando estabeleceu uma cooperação com a UNICEF e foi pioneira do ICDP em projetos de grande escala na América Latina, principalmente na Colômbia. No Brasil, temos a experiência em Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul; no Instituto da Primeira Infância – IPREDE, Ceará, intervenção institucional de enriquecimento do vínculo entre mãe e filho e Pernambuco, a partir do Programa Criança com Todos os seus Direitos.

Hundeide, seguindo a proposta teórica em relação ao desenvolvimento da criança iniciada por Piaget, Vygotsky e Feuerstein, propõe uma intervenção que respeite os saberes da

comunidade, valorize o patrimônio cultural das famílias. O ICDP prioriza o vínculo, o diálogo, a empatia, a crença do cuidador e o ato primário de cuidar; em síntese a amorosidade entre mãe, pai ou cuidador com o filho. A criança logo após o nascimento demonstra disposição para uma empatia primitiva por possuir as estruturas necessárias para decodificar as emoções da mãe/cuidadora nas ações de olhar, tocar e falar.

O ciclo primário do cuidar é uma resposta dialógica de caráter imediato e fundamental, a qual pode ser vista nas respostas espontâneas e não premeditadas do cuidador comprometido para a iniciativa expressiva da criança (HUNDEIDE, 2002). Inicia com as expressões de apelo por cuidados dados pela criança através de uma mímica facial, olhar, postura ou movimentos corporais, choro ou elocuições orais, motivado por um estado de desconforto, sofrimento ou necessidade. Devem ser vistos e interpretados pela mãe, pai ou cuidador, favorecendo a identificação empática.

Algumas condições afetam positiva ou negativamente esse diálogo primário entre a criança e sua mãe, pai ou cuidador, relacionadas às expressões de apelo, a interpretação dos pais, a identificação, a empatia. Em relação às expressões de apelo, a criança poderá expressar sinais fracos, como, por exemplo, em decorrência da desnutrição, aumentando o risco de ser negligenciada ou esquecida pelos cuidadores.

A percepção e habilidade dos cuidadores de interpretar os sinais expressivos da criança é crucial para o subsequente desenvolvimento do processo do cuidar, projetando significações nas primeiras expressões da criança. No entanto, podem existir diferenças consideráveis no comportamento dos adultos que se relacionam com a criança em relação ao significado interno para eles do ato de cuidar. Os complexos ideofetivo constelados ou as crenças parentais podem ser impeditivas de ver e interpretar os pedidos da criança. Um exemplo é quando uma criança que não aceita limites, confronta os pais em suas dificuldades com regras, impossibilitando uma reação dialógica dos mesmos aos comportamentos da criança. A definição da criança feita pelos cuidadores, em geral pode abrir ou fechar sua sensibilidade para os sinais expressivos da criança (HUNDEIDE, 2002).

A identificação empática da mãe, pai ou cuidador é um eco da sua própria infância. A empatia vem do grego *empathia*, paixão, estado de emoção, junção do prefixo *en* ou em, mais *pathos*, sentimento. Quando as pessoas são empáticas com as outras leva a um desejo imediato de ajudar e de cuidar. A expressividade da criança, de acordo com a reação empática da mãe, pai ou cuidador, propicia um cuidar mais sensível e dialógico. Não existindo respostas corretas ou “receitas prontas”, pois o vínculo entre a criança e os cuidadores se define na troca dialógica entre eles.

A identificação empática e o cuidar sensível são um processo dialético e comunicativo, quando temos a criança dentro da zona de intimidade. Para Hundeide (2002),

A variação na empatia humana pode ser descrita metaforicamente como se nós tivéssemos uma zona para a intimidade entre nós mesmos e as pessoas que nos são mais próximas e mais queridas. Aqueles que estão do lado de dentro desta zona são as pessoas que nós amamos e que estão próximas a nós – eles são parte de nossa família. Com estas pessoas, nós co-experimentamos seu estado e suas necessidades através da identificação empática; e nós agimos de acordo com isso. Nós não apreendemos do mesmo modo empático e sensível aqueles que estão do lado de fora desta zona. Eles certamente são seres humanos, embora eles sejam estranhos e, como participantes de uma mesma comunidade, nós os entendemos de acordo com os códigos e direitos convencionais que se aplicam entre os seres humanos (HUNDEIDE, 2002, p.18).

Os modelos culturais de conceituação da criança existentes na sociedade ou as condições psíquicas podem levar mãe, pai ou cuidador a colocar ou tirar a criança da zona de intimidade. Quando ocorre da saída da zona de intimidade pelas definições negativas da criança e/ou pelo distanciamento devido à troca do diálogo pelo monólogo, resulta no bloqueio empático e a visão da criança como um objeto de cuidados. Não sendo uma pessoa, a criança fica refém das projeções da mãe, pai ou cuidador, sem autonomia e/ou indesejadas, sofrem indiferença, negligência ou abuso. No sentido positivo, temos a criança dentro da zona de intimidade, visto como pessoa, com identificação empática, diálogo, cuidados sensíveis e adequada atenção as suas necessidades básicas.

Conforme diversas situações, as crianças podem estar na zona de intimidade ou não, pois ela é permeável em ambas às direções. A vulnerabilidade nos vínculos familiares é um risco para a saída da criança da zona de intimidade; a infância do pai e da mãe, o estado mental dos cuidadores, os anos de educação formal dos pais, o estresse situacional (violência intrafamiliar, pobreza, excesso de trabalho dos pais), falta de rede social da família e a criança com débeis sinais de convite à interação.

Hundeide elaborou oito princípios e três diálogos para um cuidador mais sensível. Os oito princípios são de fácil internalização pelas pessoas (pais e cuidadores) e derivam dos três diálogos. No Diálogo Expressivo emocional temos quatro princípios: 1) Demonstra sentimentos positivos, amorosidade pelo filho; 2) Segue a iniciativa da criança; 3) Estabelece um diálogo com as pessoas; 4) Elogia e confirma aquilo que a criança faz bem. No Diálogo Expansivo Compreensivo temos: 5) Ajudar a criança a focar sua atenção; 6) Dá significado às experiências vividas pela criança; 7) Expandir e enriquecer as experiências da criança. E o Diálogo Regulador: 8) Regular e guiar as ações e projetos da criança. Definir limites para o permitido, de forma positiva. Dá alternativa para as ações da criança.

O diálogo expressivo emocional é a expressão da amorosidade, a vivência da identificação empática, da comunicação emocional cara a cara e o reconhecimento do bebê como

pessoa, expressando seus desejos captados pela a escuta sensível dos cuidadores. O diálogo expansivo compreensivo se estabelece pela comunicação mediacional dos pais e cuidadores dos significados e suas ampliações, conforme cada situação cotidiana de conhecimento e adaptação do bebê a cultura. O diálogo regulador parte da definição e internalização das regras e condutas pela criança. Observa-se que o trabalho com os três diálogos e os oito princípios possibilita a criança entrar na zona de intimidade e o enriquecimento do vínculo.

2 INTERVENÇÃO DE ENRIQUECIMENTO DO VÍNCULO MÃE/FILHO: UMA EXPERIÊNCIA INSTITUCIONAL

O Instituto da Primeira Infância - IPREDE foi fundado em 1986, por um grupo de profissionais de saúde sensibilizados pela realidade das enfermarias do Hospital Infantil Albert Sabin de Fortaleza, lotadas de crianças com doenças infecciosas, cuja gravidade estava determinada pelos quadros de desnutrição associados. Designado inicialmente como Instituto de Prevenção da Desnutrição e da Excepcionalidade - IPREDE, organização não governamental, sem fins lucrativos com atuação na prevenção e tratamento da desnutrição infantil em crianças, centrada na hospitalização dos casos graves.

Durante a década de 1990, significativas mudanças políticas, sociais e econômicas ocorridas no Ceará e no Brasil impulsionaram alterações positivas na maioria dos indicadores de saúde da mulher e da criança. Observou-se uma queda significativa no número de crianças com quadro de desnutrição grave no estado e em Fortaleza. Esse novo panorama levou a instituição a repensar sua missão.

Em 2008, o IPREDE passou a ser chamado de Instituto da Promoção da Nutrição e do Desenvolvimento Humano, focando na prevenção e tratamento de distúrbios nutricionais da infância (desnutrição, sobrepeso e obesidade) e na promoção do desenvolvimento e inclusão social de suas famílias. O trabalho com o desenvolvimento infantil ampliou o olhar institucional para o contexto sociofamiliar: a vulnerabilidade socioeconômica e o papel da mulher.

A causa da primeira infância impulsionou novos desafios institucionais no apoio ao desenvolvimento integral das crianças, particularmente, em cenários cujas suas necessidades essenciais podem não estar sendo adequadamente satisfeitas. Trabalhar a primeira infância levou o IPREDE, em 2012, a oficializar a mudança do nome para Instituto da Primeira Infância.

Durante esta trajetória institucional de mudança do cuidar de crianças em estado grave de desnutrição, para um olhar sobre a primeira infância, foi se desenhado uma intervenção de enriquecimento do vínculo mãe/filho. Ocorreu uma etapa de planejamento no final de 2006 e o

trabalho efetivamente iniciou no dia 02 de janeiro de 2007. Realizado por equipe multiprofissional composta de fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e psicólogos, uma intervenção em grupo com díades de mães e crianças, com tempo de duração de 30 minutos e retornos quinzenais, a atuação dos profissionais foi centrada na observação do desenvolvimento neuropsicomotor da criança e orientação às mães.

Em outubro de 2007 ocorreu o primeiro contato da equipe IPREDE com o Programa MISC/ICDP, pelo curso ministrado por Lisete Calef dos Santos, psicóloga da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP. Após esse treinamento, a intervenção de enriquecimento do vínculo mãe/filho mudou seu foco do desenvolvimento neuropsicomotor para o vínculo entre a mãe/cuidadora e a criança. O fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo e psicólogo deixaram de priorizar os aspectos do desenvolvimento da criança para olhar o vínculo, possibilitando uma atitude interdisciplinar. Os profissionais passaram a ser nomeados de mediadores do desenvolvimento infantil e o espaço físico de “Sala de Mediação”, uma clara referência ao conceito presente na obra de Piaget, Vygotsky, Feuerstein e Hundeide.

Segundo uma mediadora do desenvolvimento infantil:

Hoje a estimulação do desenvolvimento está mais como pano de fundo e frisamos bem o fortalecimento da díade cuidador/criança, observando e chamando esse cuidador para perto da criança ou essa criança para perto de seu cuidador. Estamos transferindo esse referencial que somos para que o cuidador se autorize em ocupar esse lugar e implique-se, de fato, no cuidar, na atenção, no brincar, no comunicar-se com seu filho (DEPOIMENTO DE UMA MEDIADORA DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL).

Em setembro de 2010 houve um *workshop* com Eleazar Luft que, desde 2003, realiza um trabalho em Santo Ângelo e Águas de São Pedro, Rio Grande do Sul, com o referencial do ICDP. No final do ano de 2013, a visita e treinamento do professor Pedro Mendes, do Programa ICDP de Portugal, ampliou o conhecimento e a percepção da equipe sobre a gênese, filosofia, bases teóricas e presença do Programa em vários países.

O critério de participação na Sala de Mediação atende a um conjunto de fatores de riscos para o vínculo mãe/filho: a realidade de crescimento e desenvolvimento da criança, as condições socioeconômicas das famílias, a saúde psíquica materna e paterna, violência intrafamiliar, uso de drogas e álcool, escolaridades dos pais, crianças em abrigo, as vivências da infância da mãe. A equipe coleta as informações no prontuário ou em observação direta da díade.

As díades novatas são captadas em três momentos: diretamente pela a equipe da Sala de Mediação; encaminhadas pelo serviço social, nutricional e pediátrico ou no momento da reunião da equipe técnica para elaboração do projeto terapêutico singular. Os grupos são compostos pela idade das crianças: grupos com crianças de 0 a 3 anos e de 3 a 6 anos. O número de participantes obedece a proporção de um mediador do desenvolvimento infantil para duas díades, podendo

chegar até 8 díades mãe/filhos num grupo. O tempo da sessão é de 30 minutos ou conforme a necessidade do fechamento da atividade. A intervenção de enriquecimento do vínculo ocorre entre 12 a 24 encontros, com periodicidade quinzenal.

Os grupos de encontro seguem a seguinte rotina: acolhimento através de roda de conversa com as crianças, cuidadores e mediadores; proposta de uma atividade lúdica, a ser realizada pelas crianças e cuidadores; despedida com orientação aos cuidadores e conversa da equipe para troca de percepções sobre as díades e registro no prontuário.

O momento de acolhimento é coordenado por um dos mediadores que apresenta os profissionais, estagiários e voluntários novatos, pergunta as novidades, relembra os objetivos da intervenção e as regras do grupo. Prepara as crianças e suas mães para o momento de brincar juntos e a correlação da atividade com os 8 princípios e os 3 diálogos.

Na sala estão disponíveis brinquedos e jogos para a escolha da criança e da mãe, os mediadores observam as escolhas, brincam juntos e promovem o diálogo entre eles. O profissional mediador funciona como um facilitador, não ensinando a maneira “certa” de brincar ou possíveis “receitas” de relação entre mãe e filho. A intervenção com os três diálogos e os oito princípios não é conteudista, mas experiencial. O brincar junto da díade favorece a vivência dos 8 princípios do quais o mediador escolhe aquele que mais se evidencia no momento para comentar, sem perder o ritmo da brincadeira e propiciar uma reflexão por parte da mãe. Um exemplo: a criança faz um desenho e mostra-o para a mãe e a mediadora; caso a mãe elogie o desenho, a mediadora reforça o elogio; quando a mãe não elogia, o mediador faz o elogio e envolve a mãe para um elogio conjunto ao desenho da criança. Uma forma de a mãe refletir sobre o quarto princípio: “Elogia e confirma (aprova) aquilo que a criança faz bem”.

Na conversa, ao final do grupo são feitas observações e orientações para as mães pela equipe de mediadores, sempre valorizando os aspectos positivos observados durante a atividade, assim como um espaço de escuta das dúvidas e relatos das mães e crianças. Após a despedida, a equipe de mediadores se reúne para uma avaliação do andamento do grupo, troca de percepções sobre o comportamento das díades no brincar junto e registro das impressões no prontuário. O registro da evolução do vínculo da díade mãe/filho é feita na Ficha de Acompanhamento da Mediação Cuidador/Criança, utilizando uma escala de Likert de 1 a 5, na qual 5 se refere a melhor expressão do princípio observado e 1 o seu contrário. Depois, preenche o gráfico de relação entre os 8 princípios e a marcação da escala. Complementa as observações escritas sobre situações vividas no momento pela mãe tanto no grupo, quanto relatadas por elas.

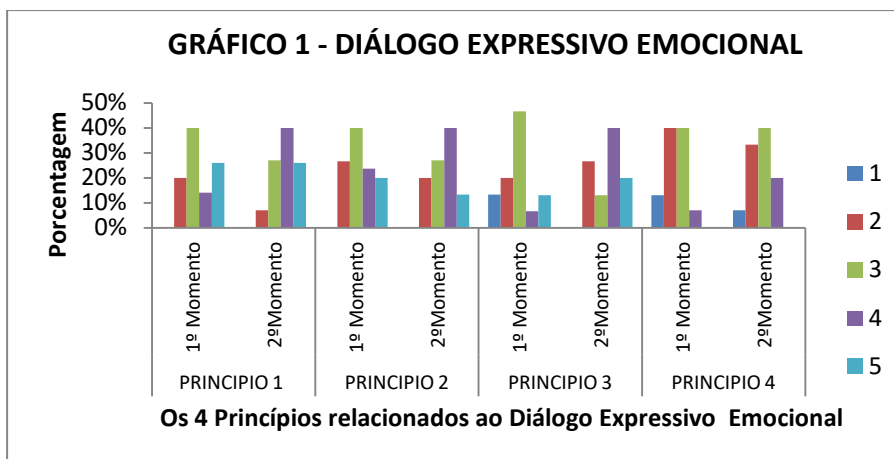
A intervenção com os três diálogos provoca o exercício da escuta tanto pelos profissionais como das mães e/ou cuidadores e as crianças. Uma escuta sensível realizada pela

equipe da mediação facilita a confiança das mães e crianças a fazer narrativas das pequenas tragédias cotidianas, das alegrias e conquistas, das dificuldades em cuidar dos filhos e estratégias de sobrevivências, entre outras.

No período de seis ou doze meses de encontro é realizada nova avaliação do processo da díade na intervenção, utilizando o instrumental acima descrito, no qual se observam os ganhos e dificuldades. Nesta fase são propostos três caminhos: encerramento da intervenção, encaminhamento para outras intervenções e continuidade pelo período de outros doze encontros. Para a equipe afirmar um enriquecimento no vínculo é importante observar uma constância no comportamento da criança e da mãe. Esse momento é traduzido num gráfico com poucas alterações, a escuta de relatos de mudança de atitudes da mãe ou cuidadora e as expressões da criança no grupo.

O Gráfico 1 (Diálogo Expressivo Emocional) está relacionado aos princípios: 1) Demonstra sentimentos positivos, amorosidade pelo o filho; 2) Seguem e correspondem as iniciativas da criança; 3) Estabelece um diálogo pessoal positivo – verbal e não verbal; e 4) Elogia e confirma (aprova) aquilo que a criança faz bem. Os itens 1, 2, 3, 4 e 5 se referem à pontuação da Escala de Likert.

Gráfico 1 – Diálogo Expressivo Emocional



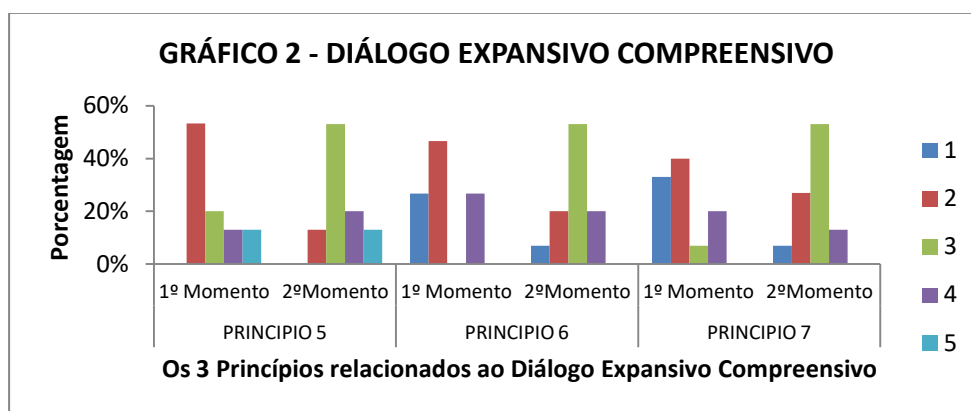
Fonte: Elaborado pelos autores

O intervalo de tempo entre o 1º e o 2º momento é de um ano de intervenção nos grupos da Sala de Mediação. Nos 1º e 2º princípios observa-se uma mudança positiva, com atenção especial à demonstração de amorosidade por parte das mães/ cuidadoras. O mesmo ocorre em relação ao 4º princípio.

O Gráfico 2 (Diálogo Expansivo Compreensivo) está relacionado aos princípios: 5) Ajuda a criança a focar sua atenção e compartilhar experiências; 6) Dá significados e dá

entusiasmo à experiência (vivência) da criança; 7) Expande e enriquece as experiências da criança.

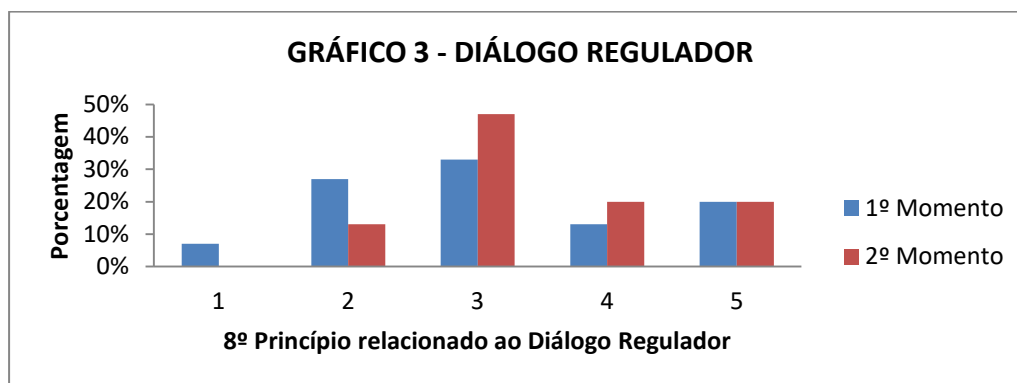
Gráfico 2 – Diálogo Expansivo Compreensivo



Fonte: Elaborado pelos autores

No gráfico, observa-se uma mudança positiva nos três princípios apesar de sua característica cognitiva, que numa comparação com o gráfico anterior, se nota maior dificuldade das mães.

Gráfico 3 - Diálogo Regulador relacionado ao 8º princípio



Fonte: Elaborado pelos autores

No gráfico se tem um equilíbrio entre o 1º e o 2º momento nas díades que receberam a melhor pontuação e um deslocamento da pontuação para o centro.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, um relato de experiência acerca da intervenção proposta no IPREDE, para o enriquecimento do vínculo entre mãe e filhos, de famílias vivendo em situação de vulnerabilidade social. Para descrever o caminho percorrido foi realizada a coleta

de dados sobre a história da instituição, o percurso de formação da Sala de Mediação, a escolha do referencial teórico e a descrição da forma de intervenção com a díade mãe-filho. A coleta se deu com o uso dos seguintes procedimentos: pesquisa das bases teóricas, leitura de documentos institucionais, observação da intervenção na Sala de Mediação e sistematização dos resultados das mudanças no vínculo mãe-filho.

4 CONCLUSÃO

Uma questão central da intervenção de enriquecimento do vínculo mãe/filho é a percepção da criança como pessoa em desenvolvimento. Provoca um deslocamento no adulto de único responsável no cuidar e educar a criança para uma escuta e apreciação das condutas infantis, desde os primeiros meses de vida. Quando se estabelece o diálogo, temos sempre um processo de mudança das duas ou mais pessoas implicadas. Dessa forma, como a criança é uma pessoa em desenvolvimento, a mulher e o homem, na experiência do papel de mãe, pai ou cuidador, também são pessoas em desenvolvimento. A falta do diálogo promove um empobrecimento dos vínculos, as pessoas se coisificam, cada um realiza seu monólogo onde não há lugar para o outro. A violência em suas diversas manifestações, a falta de pensar no coletivo, o descuido com os espaços públicos, o desrespeito à diversidade, a perda de humanidade são faces do empobrecimento dos vínculos entre as pessoas.

A proposta de intervenção nos grupos com díades mãe/filhos, na Sala de Mediação e a técnica baseada na empatia e diálogo, vai à contramão desse processo de empobrecimento dos vínculos. Faltam pesquisas que propiciem releituras e aprimoramento da intervenção.

No contexto das ações institucionais, em especial daqueles que assistem a primeira infância, como o que vem sendo executado pelo IPREDE, uma atitude vincular e dialógica do profissional com a díade mãe/filho possibilita co-cuidar da criança, deixando de lado o antagonismo existente entre o saber da mãe e do profissional.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **Historia social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC; 1981.

CAMPOS, R.H.F. **História da Psicologia e História da Consciência através do estudo das representações sociais**. Memorandum 2009, 16, 77-84. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a16/campos02.pdf>>

FEUERSTEIN, R.; FEUERSTEIN, R. S.; FALIK, L. H. **Além da inteligência**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

HILLMAN, J. **O código do Ser: uma busca do caráter e da vocação pessoal**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

HUNDEIDE, K. **Psychosocial care for disadvantaged children in the context of poverty and high risk: introducing the ICDP Program**. Noruega: ICDP, 2004.

_____. **Zone of intimacy**. Noruega: ICDP, 2002.

JUNG, C. G. **A dinâmica do inconsciente**. Rio de Janeiro: Vozes; 1984.

LYRA, M. C. D.; VILLACHAM-LYRA, P. **A investigação das relações de apego: diferentes paradigmas e metodologias atuais**. In: PICCININI, C. A.; ALVARENGA, P. (Orgs.). **Maternidade e paternidade: a parentalidade em diferentes contextos**. São Paulo: Casapsi Livraria e Editora, 2012.

NEWMANN, E. **A criança**. São Paulo: Cultrix, 1995.

OLIVEIRA, S. R. Processo de individuação: o desenvolvimento da personalidade na perspectiva da psicológica analítica. In: LIMA E DIAS, M. A.; FUKUMITSU, K. O.; TORRES DE MELO, A. F. (Orgs.). **Temas contemporâneos em psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Vetor Editora, 2012.

PEREIRA, C.L.; Piaget, Vygostsky e Wallon: **Contribuições para os estudos de linguagem**. *Psicologia em Estudo* 2012, 17 (2): 277-286 Disponível em: <[http:// www.scielo.br](http://www.scielo.br)>

SCARABEL, C.A. **A experiência da puérpera com o parto prematuro e internação do seu recém-nascido em uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal: estudo a partir da psicologia analítica**. São Paulo. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo; 2011.

STEARNS, P.N. **A Infância**. São Paulo: Contexto; 2006.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes; 1991.